

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 181	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$50	1\$900	\$950	\$120	1 DE JANEIRO 1884	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possesões ultramarinas (idem)	4\$900	2\$300	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



CAPELLA DOS TEMPLARIOS, NO CONVENTO DE CRISTO, EM THOMAR
(Segundo uma photographia de A. da Silva Magalhães)



20

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois da nossa ultima chronica, Lisboa passou por um susto enorme.

Um grande abalo de terra accordou sobresaltada, uma madrugada, toda a população lisboeta.

De todos os phenomenos da natureza o tremor de terra é exactamente aquelle que mais apavora a humanidade. E com razão, no fim de contas, porque ninguem sabe ainda a sua origem, e ao mesmo tempo ninguem pôde perver os seus resultados, contra os quaes, de resto, não ha maneira alguma de se precaver.

Depois, no abalo de terra, no ruido subterraneo que o precede, ha em não sei quê de lugubre, de mysterioso, que lhe dá uma imponencia tragica que assombra.

Felizmente o abalo de terra que tanto assustou Lisboa na noite de 21 para 22 de dezembro não deixou vestigios da sua passagem.

Antes assim!

Regressou a Lisboa depois da sua longa e instructiva viagem pelo estrangeiro, sua alteza o Principe Real D. Carlos.

A chegada do agosto principe foi saudada com enthusiasmo, e Sua Alteza teve o acolhimento sympathico, que lhe era devido.

O principe D. Carlos veio a bordo do vapor *Africa*, onde o foram receber, seu pae el-rei D. Luiz, o sr. ministro da marinha, e altos dignatarios.

Esperavam Sua alteza no caes de Belem S. M. a Rainha, el-rei o sr. D. Fernando, o ministerio, a corte e grande concorrência de povo.

Acompanharam o real viajante até ao palacio d'Ajuda, onde lhes foi offerecido um lunch, a que presidiu el-rei D. Luiz, todos os membros da *Sociedade promotora do apuramento das raças cavallares*, sociedade de que o principe real é presidente honorario e que no ultimo domingo de 1883 offereceu a sua alteza uma esplendida corrida de cavallos no hypodromo do Bom Sucesso.

O maestro Daddi, dedicou á chegada do Principe Real, uma grande marcha triumphal, intitulada *O Regresso*.

A marcha foi executada pela grande orchestra de S. Carlos, na primeira noite em que Sua alteza foi ao theatro lyrico depois da sua chegada.

N'essa noite o principe real era acompanhado por um augusto viajante, o principe Oscar, segundo filho do rei da Suecia, a quem o principe D. Carlos andou fazendo as honras da terra durante os poucos dias em que o principe sueco esteve em Lisboa.

O principe Oscar, é um rapaz muito novo ainda, de figura sympathica, cara muito branca e barba toda, muito loura.

Veiu ao nosso porto a bordo do seu yacht, d'onde seguiu em viagem para o Brazil, crêmos.

Fecharam-se ante-hontem as camaras, depois da sua reabertura, que não se soube muito bem para que serviu.

Durante os poucos dias em que estiveram abertas, para conclusão da sessão prorogada, não se discutiu nenhum assumpto importante, e a maior parte dos dias não se conseguiu realizar sessão por falta de numero dos srs. deputados.

Levantou-se na camara electiva a questão do escandalo do concurso da alfandega, a que em tempo nos referimos largamente.

A opposição exigiu do sr. ministro da fazenda a apresentação dos documentos originaes do escandalo, mas o sr. ministro respondeu, que não podia enviar esses documentos senão em copia, visto os originaes estarem na procuradoria geral da corôa para se proceder criminalmente contra os delinquentes.

Effectivamente dias depois d'esta declaração do sr. ministro da fazenda os documentos foram enviados da procuradoria geral da corôa para o poder judicial.

E agora veremos em que tudo isto vem a dar.

Na nossa chronica passada tivemos um bocado de necrologia, a noticia da morte d'um homem illustre da França, a quem Portugal devia bastantes considerações, o historiador Henri Martin.

Hoje temos tambem uma morte a noticiar, mais chorada e mais sentida, porque é a d'uma compatriota nossa, das mais illustres e gloriosas, d'uma artista notabilissima que por muitos annos illuminou a scena portugueza com o fulgor extraordinario do seu extraordinario talento: — a morte de Emilia das Neves.

Para a arte ha mais de cinco annos que a grande actrix merrera.

Retirada a sua casa, fatigada pela idade, espha-

celada pela doença, Emilia das Neves era apenas d'então para cá uma reliquia estimada das passadas glorias.

Nunca mais, ha cinco annos, ninguem a vira no theatro, nem como actrix nem como espectadora, e só de vez emquando, nas tardes quentes do verão, quem passava pela rua Oriental do Passeio, podia ver á janella do predio onde morreu agora e que lhe pertencia, uma velhinha de cabello branco, face enrugada, feições desfiguradas pelo soffrimento, em que difficilmente se reconhecia a formosa mulher, que no palco foi o encanto dos binoculos dos nossos paes e dos nossos avós, e a quem a sua belleza puzera entre os bastidores, o cognome de *linda* Emilia.

A ultima peça nova que a grande actrix, já em sensível caducidade de genio, representou no theatro de D. Maria, foi a *Morta viva*, uma peça que não encontrou já no talento da sua interprete força bastante para a segurar em scena, e depois d'ella, morta viva tambem, Emilia das Neves, desapareceu do mundo, para durante longos cinco annos se ir definhando pela doença, até que ha oito dias foi para sempre descansar debaixo da terra!

Emilia das Neves foi sem contestação o primeiro talento dramatico do seu tempo, e apesar das suas incorrecções artisticas, foi pelo seu genio excepcional, que tinha deslumbramentos magicos, uma das maiores actrizes de Portugal.

Fez-se em redor do seu nome grande ruido; teve admiradores fanaticos e criticas violentas; mereceu apothéoses unicas e aggressões gravissimas.

N'uma d'essas aggressões Emilia das Neves teve, segundo se conta, porque não é do nosso tempo, uma phrase soberba.

N'uma recita em beneficio d'uns pobres, o publico tomando parte contra Emilia, n'umas intrigas de bastidor a que nenhum artista se furta, quando a grande actrix entrou em scena atirou-lhe com patacos para o palco.

Emilia das Neves, sem se desconcertar, baixou-se a apanhar essas moedas com que a insultavam e voltando-se para a platéa que assim a agredia disse-lhe com a sua voz sonora, uma das vozes mais formosas que tem echoado no palco portuguez, e que ultimamente já tanto destoava nos ouvidos modernos pela sua melopéa da velha declamação cantada:

— Se é para os pobres, são ainda poucos!

Não é para aqui o fazermos a biographia da gloriosa actrix que dorme agora o grande somno.

O OCCIDENTE dará n'um dos proximos numeros um dos melhores retratos de Emilia das Neves, e por essa occasião publicará a sua biographia, escripta por um dos nossos mais distinctos collaboradores.

Pelo mesmo tempo em que desaparecia para sempre a grande actrix no cemiterio do alto de S. João reapareceu no Gymnasio de Lisboa um grande artista de que Portugal se lembra ainda com enthusiasmo e com saudade, depois de quinze annos de ausencia.

Esse enthusiasmo que poude resistir á passagem de quinze annos é o maior elogio de Ernesto Rossi.

Só um genio extraordinario pode lutar assim victorioso contra os annos que correm, e o esquecimento que tão rapidamente amortalha os mais ardentes enthusiasmos, as mais gloriosas recordações, e é d'esses o genio dramatico do grande tragico italiano; que no cabo de tantos annos, apesar dos estragos implacaveis da idade, soube ainda fazer resuscitar o enthusiasmo antigo com o mesmo ardor, com o mesmo delirio, ante as creações magistraes, caracteristicas, definitivas, para assim dizer, do *Othello*, e de *Luiz XI*.

Noites antes do Rossi reaparecer no Gymnasio reapareceu em S. Carlos o celebre tenor Gayarre.

Reappareceu na *Favorita* a opera em que pela primeira vez nos appareceu, e o seu successo pessoal foi o mesmo da epoca anterior.

O successo da opera porem é que foi muito inferior, mesmo muito, o que se explica pela simples razão da parte de Leonor, que no anno passado era cantada e representada extraordinariamente pela Pasqua, ser este anno desempenhada pela sr.^a Pozzoni, uma artista que é ainda distincta mas que está em visivel decadencia de voz.

A administração do governo rescindiu o contracto do sr. Bertini, no que fez muito bem, e vae, affiancam-nos, montar a opera portugueza *Lauriane*, do illustre maestro Augusto Machado, que no anno passado se cantou pela primeira vez em Marselha, merecendo ao seu auctor os mais lisongeiros elogios dos principaes criticos musicaes.

Regressou do Brazil onde esteve muitos mezes o nosso bom amigo o sr. Almeida Pinto, illustrado

e diligente proprietario do jornal *O Contemporaneo*.

Almeida Pinto tem a actividade emprehendedora que não é nada vulgar em Portugal. foi no Brazil tratar de ampliar a publicação do seu jornal e conseguiu-o brilhantemente depois dos seus esforços do seu trabalho persistente.

E estamos no fim da chronica e não podemos ainda hoje falar da exposição de pintura nas salas do *Commercio de Portugal*, que está tendo um verdadeiro e justo successo.

Desempenhar-nos-hemos d'essa gostosa missão na proxima chronica, em que fallaremos tambem da rica e primorosa livraria pertencente ao illustre medico o dr. Rebelo da Silva, que está em exposição no armazem de marcenaria do sr. Barceiros, na rua da Figueira onde foi feita, podendo dizer-se que é o primeiro movel que n'estes ultimos tempos se tem feito em Portugal.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CAPELLA DOS TEMPLARIOS

NO CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

Quando o OCCIDENTE no seu n.^o 71 (penultimo do 3.^o vol.) offereceu em supplemento sob o vago titulo de *Monumento de Thomar*, um desenho inedito de Barbosa Lima, fizemos nós notar que esse monumento deveria considerar-se antes um aggregado de monumentos varios, — interessantissimos todos, quer os encaremos ante as recordações historicas que nos despertam, quer os analysemos e discutamos ante a sua feição artistica e architectonica.

N'aquelle desenho do malgrado artista grupam-se em harmonioso conjunto o antigo Castello de Gualdim Paes, a primitiva Igreja dos Templarios com o seu posterior accrescentamento de architectura manuelina, depois os restos do Convento de Christo, e por ultimo as arcarias do aqueducto construido sob o dominio dos Filippes de Castella.

Por occasião de publicarmos aquelle desenho, juntámos-lhe as considerações que nos pareceram indispensaveis para melhor se fazer idéa do monumento.

Mas incompleta ficaria por certo a nossa missão, se illustrações parcellares e detalhadas não viessem tornar mais salientes e de mais facil apreciação em suas minucias os diversos elementos de que se compõe aquelle grupo monumental tratado no desenho panoramico de Barbosa Lima.

O OCCIDENTE que já em seu n.^o 18 (pag. 137 do 1.^o vol.) deixára estampado o famoso *Claustro do cemiterio* (elegante specimen de puro estylo gothico, fundado no convento de Thomar pelo infante D. Henrique), e que ainda recentemente apresentou aos leitores no n.^o 179 da sua collecção a pittoresca vista do *Castello de Gualdim Paes* (pag. 273 do 6.^o vol.), — o OCCIDENTE inaugura o 7.^o anno da sua existencia com a vista exterior da *Capella dos Templarios*.

Com aquella feição medieval de fortaleza acastellada e coroada de ameias, a Capella dos Templarios, que ainda hoje conserva a sua primitiva disposição octogonal, era o recinto sagrado em que os briosos cavalleiros da milicia religiosa se reuniam para fazerem suas rezas e devoções.

Depois, quando, já transformada em Ordem de Christo a Ordem do Templo, el-rei D. Manuel resolveu ampliar com edificio de mais sumptuosa construcção a primitiva charola dos Templarios, ficou esta reservada para capella-mór da nova igreja, em cujo corpo se desataram profusamente os luxuriantes e rendilhados labores do estylo manuelino (como ainda a propria estampa nos está claramente mostrando ao fundo).

Com a floreada ornamentação do corpo da igreja contrasta portanto a pittoresca singeleza da sua actual capella-mór.

Esta constitue por si um curioso specimen de architectura, coevo da fundação da nossa monarchia.

Só a torre dos sinos com o relógio é que alli denuncia uma anachronica superfetação.

A torre dos sinos data da reforma a que el-rei D. João III sujeitou a Ordem, quando converteu em freires conventuaes os cavalleiros de Christo.

A escadaria, que no primeiro plano nos mostra a gravura, é a que do convento dá passagem aavez da cerca para o castello representado (como já fica dito) em o n.^o 179 do nosso jornal.

O monumento que hoje temos presente, cons-

titue um dos mais venerandos padrões das nossas pristinas glórias, porque — eternizando a memoria dos nobres cavalleiros que tão patrioticamente ajudaram a fundar nossa autonomia, batendo-se contra o alfange mourisco, — evoca-nos ainda, não menos, a recordação dos seus successores que sob a influencia do infante D Henrique foram além-mar tornar conhecido, respeitado e admirado, nas regiões do Oriente o nome portuguez.

Xavier da Cunha.

ERNESTO ROSSI

A historia da vida artistica do grande tragico que Lisboa hoje applaude, depois de 15 annos d'ausencia, é a eterna historia de todos os grandes artistas: a vocação irresistivel, despotica, soberana, a impellir para a Arte o seu escolhido, a derubar todos os obstaculos que se lhe antallham, a galgar violentamente todas as difficuldades, a lutar homérica contra todos os preconceitos de classe, contra todos os planos de familia, e a vencer finalmente triumphal, todos esses entraves, que o destino colloca ante os eleitos da gloria, como as provas maçonicas que se impõe aos neophytos, para experimentar a sua tenacidade para aquilatar a sua coragem invencivel.

Ernesto Rossi nasceu em Livorno em 1829, d'uma familia de negociantes abastados.

Seu pae, que fôra em rapaz um dos soldados do grande Napoleão I, era, quando Ernesto Rossi nasceu um burguez grave e severo, todo entregue ás suas especulações commerciaes. O pequeno Ernesto Rossi foi logo destinado a advogado, e mal teve idade para começar os seus estudos, mettido n'um collegio de humanidades.

Foi ahi logo que a sua vocação enorme de artista se começou a manifestar, com uma exuberancia extraordinaria, que deu logo nas vistas dos seus mestres.

Rossi recitava com tal fogo as traducções de Horacio, e os versos divinos da *Divina Comedia*, na aula de rhetorica, que o seu professor, impressionado fundamentalmente, pelo tom dramatico e convencido do discipulo, lhe disse um dia, olhando-o fixamente, e com um certo tom reprehensivo de ameaça, que mal sabia o pobre velho era uma propheta:

— Hasde morrer comico, Rossi.

Estas palavras que deviam ser uma reprehensão para o ardente discipulo de rhetorica, foram como que o despontar d'uma esperança adorada, a visão d'um sonho d'ouro.

A propheta do mestre começou a edificar grandes castellos no ar dentro do cerebro de Rossi, e um dia, em que seu pae sahira de casa, Rossi apanhando-se senhor da praça com alguns amigos, transformou o escriptorio austero do grave negociante n'um theatrinho improvisado, e fazendo dos amigos publico, começou a representar com grande entono dramatico uma tragedia, até por signal de-testavel.

No meio da representação o pae de Rossi entrou no escriptorio.

Foi uma mutação á vista: um effeito de magia. Publico, actor e theatro desapareceram n'um abrir e fechar d'olhos ante as imprecações severas do velho negociante, e Rossi nunca mais poudo dar representações em casa.

Deixal-o. Não podia representar em casa, representaria fóra.

Havia na terra varias sociedades dramaticas de curiosos, e Ernesto Rossi filliou-se n'uma d'essas associações, na qualidade... de ingenua dramatica.

Os seus cabellos louros, a sua cutis alva e finissima, os traços feminis da sua belleza de adolescente, davam-lhe um successo enorme n'esses papéis a que o seu talento precoce imprimiu o cunho de verdadeiras ovações dramaticas.

Entretanto os deveres da escola opprimiam-n'o, não lhe deixavam tempo bastante, para decorar os seus papéis, para estudar os seus personagens.

Rossi então tomou uma resolução desesperadora, abandonou a universidade, abandonou seu pae, abandonou a sua terra, e só, cheio de confiança no futuro e vazio de dinheiro no presente, foi escripturar-se n'uma companhia d'actores ambulantes.

Ahi esperava-o a maior das provações da sua vida d'artista: o seu primeiro encontro com o publico.

N'essa noite do debute, em que pela primeira vez teve que pisar as taboas do palco, deante d'um publico indifferente, que comprara á porta do theatro, o seu bilhete com direito de o julgar, de o asso-biar, Ernesto Rossi teve um deliquio de sensitiva.

O caso foi serio. Chegou-se até em pensar em substituir á ultima hora o debutante.

N'estas alturas, porém, Rossi compreheu que

jogava ali todo o seu futuro, encheu-se de coragem, entrou em scena, e a sua estreia foi o seu primeiro triumpho.

Gloria deu-lh'a essa companhia errante, mas dinheiro é que lhe dava menos.

E Ernesto Rossi era orgulhoso, não pedia nada aos collegas, que alás não tinham muito mais do que elle e nas escurções permanentes da sua companhia, de terra em terra, teve algumas longas horas de fome.

Finalmente em 1847 Rossi é visto pelo grande actor italiano de então, Modena, que o escripturou logo, e que começa a derigir os seus estudos e os seus ensaios.

Então é que Rossi começou a viver seriamente e gloriosamente para a grande arte.

N'uma noite em que representava o *Saul*, em Milão, crêmos, ao sair do palco onde a multidão o aclamara entusiasmada, encontrou á porta do seu camarim um velho debulhado em lagrimas.

Rossi olhou para elle, e a chorar tambem como uma creança, lançou-se nos braços que elle lhe abria.

Esse velho era seu pae, que o vira representar, e que fascinado pelo talento de Ernesto Rossi vinha perdoar ao grande actor, a desobediencia do filho endiabrado.

D'ali por diante a carreira artistica de Rossi tem sido uma serie não interrompida de ovações triumphaes.

Depois de proclamado por toda a Italia um dos seus maiores actores, Rossi foi em 1855 a Paris receber a chancellia do seu genio, e depois de Paris foi a Hespanha, a America, Portugal, Inglaterra, Alemanha, todo o mundo culto emfim que o tem aclamado grande entre os maiores artistas do seculo.

Como todos os verdadeiros grandes artistas, Rossi não é só um actor de genio, é um actor correctissimo, todo acabado, que possui ao mesmo tempo todo o brilho do talento e toda a sciencia dos processos artisticos.

E' d'uma illustração notavel, e são muito apreciaveis algumas das suas criticas aos grandes personagens shakspereanos, entre ellas a interpretação do *Hamlet*.

O repertorio de Rossi abrange todos os generos e todas as escolas; figuram n'elle as tragedias classicas, os dramas romanticos, as comedias galantes de Goldoni, e hoje *Shylock*, amanhã *Kean*, hontem *Othello*, depois d'amanhã *Romeu*, *Ruy Blas*, *Luit XI*. Rossi triumphava sempre, é sempre grande sempre brilhante, sempre colossal.

O OCCIDENTE publicando o retrato de Rossi, saúda com toda Lisboa intelligente, o grande artista italiano.

R.

O DESASTRE DE SUDAN

Ha tres mezes, em 25 de setembro, ultimo, o general Seckendorff, ajudante do general em chefe Hicks Pachá, — fazia na *Daily-News*, por intervenção do correspondente d'este jornal o sr. Edmundo O'Donoran, junto do exercito do Hicks Pachá, a seguinte lugubre propheta.

«O *Mahdi*, o propheta do Sudan, está á frente de numerosas forças e sabemos que possui 15 mil espingardas e 14 canhões, além de se apoiar em duas cidades bem fortificadas, Bara e Obeid, esta ultima capital da provincia do Kordofan; tem poderosa cavallaria, composta de arabes e africanos, fanaticos pela falso propheta, ardentes e tenazes na lucta, emquanto que os nossos egypcios a julgar pelas tres batalhas em que os tenho visto combater, teem as qualidades contrarias e não são precisamente heroes.

«Nós dispomos de 11 mil homens e 6 mil camellos e cavallos; se a nossa cavallaria consegue resistir ao primeiro ataque de cavallaria do *Mahdi* tudo irá bem, mas se esta nos surprehende, devemos estar dispostos ao peior, e em caso de derrota *nenhum de nós voltará a sua casa* porque o Sudan levantar-se-ha como um só homem, e todos os habitantes do Alto Egypto cahirão sobre o nosso exercito como uma avalanche destruidora».

O general Seckendorff quando escrevera esta carta, parecia que estava já vendo a terrivel catastrophe de 5 de novembro, catastrophe de que elle devia tambem ser victima.

Nos meados de fevereiro do corrente anno, o Khediva, querendo aproveitar-se dos ultimos descobrimentos feitos até ás origens do Nilo, para estender o seu dominio até aos lagos centraes, organisou uma expedição anglo-egypcia commandada pelo general Hicks Pachá, general inglez ao serviço do Egypto.

Mas logo aos primeiros passos essa expedição encontrou deante de si as terriveis forças do falso propheta Mahdi, e teve de sustentar com ellas luctas terriveis de que nem sempre sahio vencedora.

No dia 3 de novembro, porém, foi que a mais horrivel catastrophe se deu.

O general Hicks Pachá, commandando um exercito de 11 mil homens foi surprehendido nos desfiladeiros de Khargate por 300 mil homens commandados pelo Mahmid.

Os fanaticos do novo propheta do Islamismo rodearam o exercito de Hicks Pachá, tomando todas as alturas, todos os desfiladeiros, todos os penhascos, e rompendo n'um fogo horrroso contra as tropas do Khediva.

Os soldados de Hicks Pachá luctaram com va-lor por espaço de tres dias, mas, foram finalmente esfaqueados, assassinados, esquartejados pelos fanaticos na terrivel hecatombe de 5 de novembro, hecatombe de que, segundo alguns telegrammas, apenas se salvou um homem, o artista Vizontelli, desenhador do *Graphic*, e segundo outros 150 soldados egypcios.

N'essa medonha carnificina morreu o general Hicks, o general Seckendorff o correspondente do *Daily-News*, O'Donoran, celebre pelas suas viagens e aventuras na Asia Central, e dois majores, um coronel, quatro commandantes, dois capitães e tres medicos europeus e mais de 1200 officiaes egypcios.

E esse extraordinario desastre da guerra do Sudan que a nosso gravura hoje representa, copiada de um desenho enviado ao *Graphic*.

O CENTENARIO DE LUTHERO

Martinho Lutero, o frade allemão que deixou vinculado seu nome á *Confissão de Augsburgo*, representa na historia dos povos modernos um d'aquelles vultos proeminentes, de cujo nome os echos ruidosos mais se repercutiram pela Europa na primeira metade do seculo xvi, quando a humanidade, intrando desafogadamente na estrada brilhante do progresso, talhava pouco a pouco o fundamental programma de um novo edificio social.

N'este assombroso periodo de renascimento, a influencia de Lutero foi tão preponderante, tão accentuada a sua voz no meio politico-religioso em que surgiu este grande espirito, — e, permittisse-nos mesmo que o digamos, tão revolucionario o poderoso alcance da sua enérgica iniciativa, — que n'elle podemos até filiar (como valvula de segurança que a Igreja de Roma abriu á erupção d'aquellas vulcamicas lavas) o celebre Concilio Tridentino em que o sagaz criterio do nosso virtuosissimo arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres, não duvidou clamar com toda a inflexivel austeridade da sua profunda convicção: — *Illustrissimi et Reverendissimi Cardinales indigent illustrissima et reverendissima reformatione* («Os Illustrissimos e Reverendissimos Cardeaes não mistér uma illustrissima e reverendissima reformatione»).

O Catholicismo não pôde ver em Lutero outra coisa mais do que um heresiarcha.

O Protestantismo saúda n'elle um apostolo.

Alheio completamente ás discussões religiosas que porventura podessem levantar-se no campo da orthodoxia, o *Occidente* limita-se apenas a commemorar nas suas paginas os ruidosos festejos em que a Alemanha se desintranhou, por occasião de erigir-se a Martinho Lutero uma estatua monumental em Eisleben (sua patria) ao celebrar-se o quarto centenario do seu nascimento.

Inaugurada aos 10 de novembro de 1883, — em que á justa se perfaziam quatro seculos desde que em Eisleben (cidade da Saxonia) abrira pela primeira vez os olhos ante a luz do dia o fundador do lutheranismo, — a estatua de Martinho Lutero, que o *OCCIDENTE* hoje publica em gravura, é de bronze e mede em altura 9 pés.

O pedestal, sobre que assenta, é de granito da Suecia polido, e adornado em suas quatro faces com baixos-relevos allegoricos, cujo assumpto o escultor foi buscar á propria vida do famoso reformador.

Estatua e pedestal é tudo obra do professor Rodolpho Siemering.

Nas festas sumptuosas, com que a Alemanha prestou reverente homenagem á memoria de Lutero, distinguiram-se procissões e cortejos civicos, em alguns dos quaes se revelou deslumbrante magnificencia e surprehendente belleza artistica no que diz respeito ao harmonioso conjuncto e á verdade historica dos trajos e accessorios.

Foi mais uma solemne occasião, em que a familia germanica patenteou o constante cuidado e amor que lhe merece tudo quanto signifique o estudo da historia nas diversas manifestações da sua finalidade ou o culto da arte em quaesquer particularidades da sua fecunda influencia.

Xavier da Cunha.

O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 179)

IV

O MOSTEIRO

Mudado o convento á nova observancia, a rainha tomou n'elle o habito, ficando de posse das rendas e grandeza da casa, o que aliás era n'aquelle tempo vulgar. Não raro se usava então viverem senhoras nobres em suas casas com o usufructo de suas fazendas e comtudo em estado de reli-

giosas. Parece ter sido exemplarissimo o viver da infanta no mosteiro. Brandão escreve: *Era muy frequente na oração, rigurosa na penitencia, de grande charidade com os pobres, e muy devota de pessoas santas e Religiosas. Em seu tempo vierão a este Reyno as Familias dos inclytos Patriarcas S. Domingos e S. Francisco. Favoreceu muyto aos seus Religiosos, ... e algunas vezes os mandava chamar a Arouca para tratar os negocios de sua alma. E Brito affirma tambem: Tinha particular dom, e graça de lagrimas, e de tal modo chorava as minimas negligencias, e venialidades de sua mocidade, como se forão gravissimas culpas...; (1) e em outro lugar: *Sejuava tres dias na semana, e á sexta feyrra... por não jejuar a**

boca sómente, apertava um cilicio ao longo da carne, e guardava silencio o dia todo, occupando o coração, e pensamentos no Céu. Caetano de Sousa no seu livro 1 da Historia Genealogica diz ainda: Sempre conservou pela grandeza da pessoa o estado, e rendas da sua Casa, com que fez muitas obras de religião, e piedade (1).

De todas as virtudes christãs parece ainda assim que a Humildade era a menos bem accete por D. Mafalda. Não só conservou sempre em vida todas as rendas e honras inherentes á sua qualidade principal, mas mesmo depois de morta quiz que sobre a inanidade das suas cinzas lampejassem os europeis das ridiculas pompas humanas, pela sumptuosidade verdadeiramente real com que em tes-



ERNESTO ROSSI (Segundo uma photographia de G. Bacon)

tamento ordenou lhe celebrassem as exequias cada anno. É um senão este ainda assim de somenos importancia, que não macula a pureza do viver da santa, por estar fundamente incarnado nos costumes da epocha em que viveu.

Após 36 annos d'uma existencia por completo dedicada ao recolhimento, á oração e á continua pratica da caridade, finava-se a egregia princeza em Rio Tinto, junto a Amarante, onde tinha ido procurar allivio aos seus padecimentos, que já eram mortaes. Falleceu no dia 1 de maio de 1256. Como expressava no testamento a vontade de ser enterrada em Arouca, e como além d'isso as monjas, por um justificado amor pela sua santa protectora, a queriam junto de si, tratou-se logo da remoção do cadaver, que deve ter sido effectuada com grande esplendor. Não faltaria á cerimonia o

solemne luzimento das ordens e irmandades religiosas, bem como um avultado concurso de curiosos e de fieis. Porém, com respeito a este facto, a tradição apenas refere singela e poeticamente, que a princeza ordenára lhe pozessem o cadaver, fechado em um *cayxão*, sobre uma mula, e no lugar onde esta parasse, ali a deviam enterrar. E referem mais que a intelligente mula se transportou espontaneamente a Arouca com o precioso fardo, e entrando pela igreja se prostrou diante do altar de S. Pedro, esperou que a descarregassem do feretro, e logo que lh'o tiraram, falleceu.

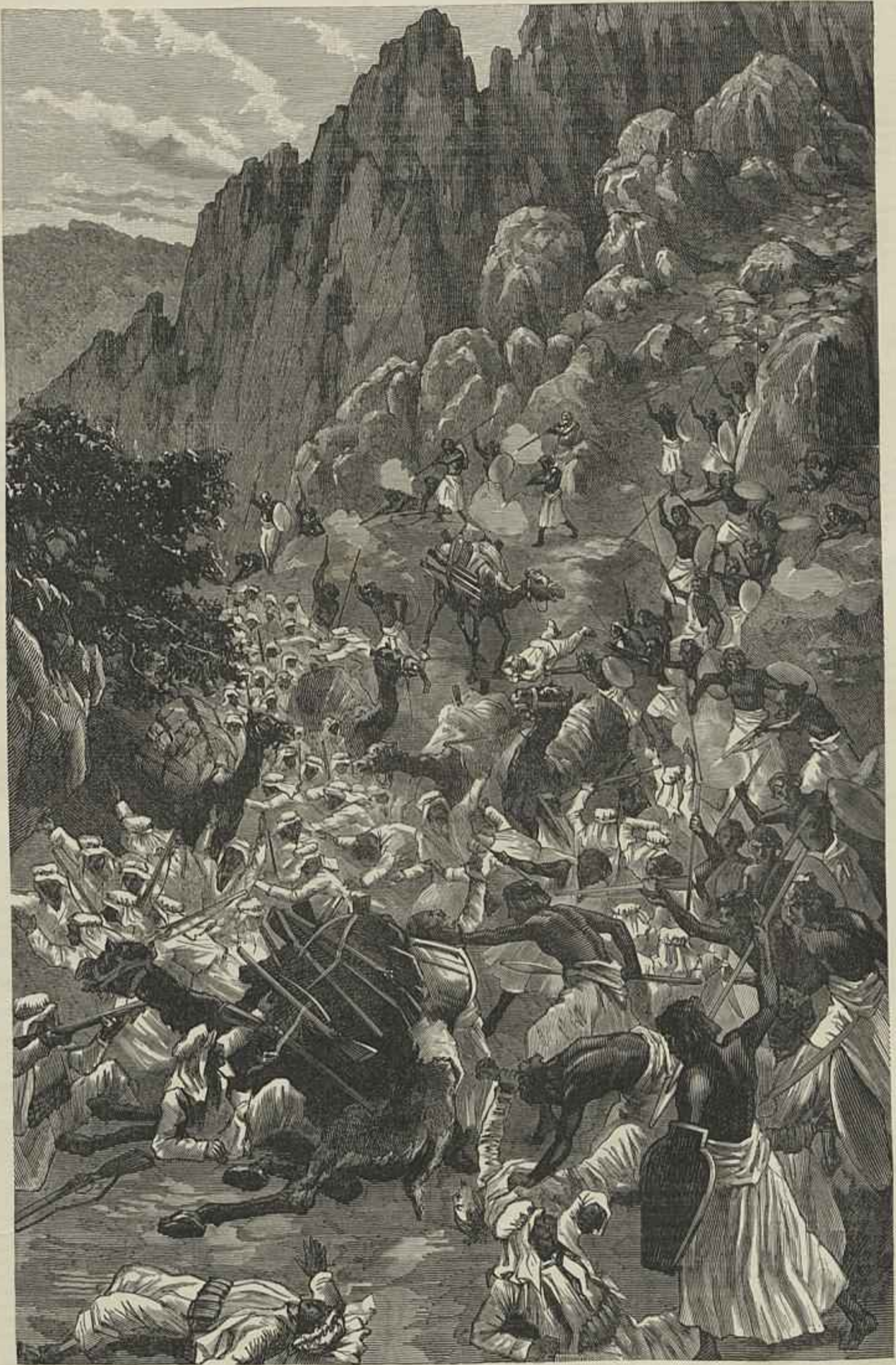
Por caso de milagre o tomaram todos os presentes. De mim apenas o olho, a ser veridico, como resultado fatal do cançasso enorme que ao pobre

e manso quadrupede infligiram com tão longa e accidentada travessia.

Diz ainda a tradição que a mula foi sepultada no adro da igreja, dando-lhe assim as freiras publico testemunho de reconhecimento pela sua dedicação sobrenatural, ao passo que a acatavam respeitadas na sua qualidade de eleita pela santa para instrumento da sua primeira manifestação milagrosa. E nada mais se colhe, nem de escriptos, nem da tradição oral, com respeito á cerimonia da transferencia do cadaver de Rio Tinto para o formoso valle de Arouca. Bonaventura Maciel Aranha apenas conta, que em todas as partes, onde parava a mula, se lhe fizeram arcos triumphantes de pedra lavrada. Ainda existem alguns d'esses

(1) Chronica de Cister. — Liv. vi, cap. xxxvi.

(1) Obra cit. — pag. 116.



GUERRA DO EGYPTO — DESTRUIÇÃO DA DIVISÃO DE HICKS PACHÁ, NOS DESFILADEIROS DE KARGATE

arcos, pelo menos dois, que eu tive occasião de vêr: um na povoação de Burgo, 2 kilometros ao poente de Arouca (1) e marginando a estrada a macadam que se dirige a Oliveira de Azemeis; outro em Paiva, perto do Douro, junto á quinta do sr. Martinho Montenegro (2).

São muito elegantes monumentos, especie de mesas gigantes de granito, coroadas por um arco semi-circular, abundantes de recortes e delicados lavôres, que a meu vêr foram construídas, não posteriormente á transladação do cadaver de Mafalda e nos sitios onde parára a mula, mas sim antes da cerimonia e com o fim de servirem de condigno pouso ao precioso cadaver nos sitios de paragem da funebre comitiva. Dão testemunho eloquente, elles sós, da sumptuosidade da transladação. Nem é admissivel suppôr-se, que fosse modesta e pobremente removida aquella defuncta princeza, que tanto amára e sustentára em vida as suas regalias e privilegios, e isto n'uma phase historica de tão acabado luzimento para o poder real.

Foi pois a rainha sepultada no altar de S. Pedro, do lado da epistola, e ahí se pos um Epitaphio em verso que refere o Dr. Fray Bernardo de Brito na chronica de Cister; e melhorando-se despois de muytos annos, e mandando-se o corpo da Rainha para outro sepulchro, ouve descuydo de se lhe pôr o letreiro e parte d'elle vi eu na propria taboa em que estava escrito, a qual levou uma Religiosa para o seu leyto: e faço esta lembrança para que conste da verdade (3). Este epitaphio vem effectivamente transcripto, não só na *Monarchia Lusitana*, mas ainda na *Chronica de Cister*, onde seus auctores apresentam o original latino e seguidamente a traducção em vulgar; e tem dado causa a que varios criticos hajam contestado que a data da morte de Mafalda fosse de 1256, por isso que elle apparece declarando que: *a era em que passou esta mulher pura, e santa da vida, foi a de 1290*; era que corresponde ao anno de J. C. de 1252.

Para mim é de dubia authenticidade o referido epitaphio. Em primeiro lugar, dá para o passamento da infanta uma data em contradicção manifesta com os acontecimentos, como breve tratarei de provar; em segundo lugar, parece nunca ter-se achado ao certo a verdadeira letra e contheudo d'elle, por isso que dos dois historiadores citados acima, como transcrevendo-o nas suas obras, cada um dá d'elle diferente traslado, e a cópia do mesmo, apresentada por Caetano de Sousa (4), é ainda tambem diferente de qualquer d'aquellas duas. Assim, ou era falso o documento, prestando-se a variadas interpretações; ou tão injuriado e comido do tempo se apresentava já, ao ser examinado pelos chronistas, que nenhum d'elles poude inteiramente decifral-o: e n'este caso poderia muito bem a data estar em parte apagada, dando assim origem a uma ostensiva, mas não real, divergencia.

(Continúa)

Abel Acacio

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

VI

(Continuado do n.º 177)

As pessoas instruídas sabem qual foi o grande pleito que no primeiro quartel do século XVIII se moveu sobre a successão da casa de Aveiro, que para abreviar não deduziremos aqui, mas ficam, pelo documento publicado, sabendo quem foi o jurista que dirigiu essa causa, e a honra que lhe coube na final resolução d'ella.

O requerimento do padre Bartholomeu Lourenço é, além d'isso, confirmado pelos termos de matricula do anno lectivo de 1719 a 1720, no qual se declara que faltou á 2.ª matricula.

Dispensada, porém, por ordem regia essa falta, foi admittido a provar o anno.

Pelos termos que abaixo se seguem, que obtivemos, bem como outros, do cartorio da Universidade de Coimbra pela obsequiosa deferencia do sr. dr. A. Filippe Simões, e que publicamos pela

sua curiosidade, se verá como n'este anno concluiu o curso e obteve o doutoramento:

1.º

Bacharel do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, de Santos no Brazil.

Aos 5 de Maio de 1720, sendo padrinho o Doutor Manoel Tavares Coutinho, e lendo sua lição de ponto que lhe foi assignada lhe argumentaram os D. D. seus Mestres na forma dos Estatutos e votando por A. A. e R. R. foi por todos approvado — *Nemine Discrepante*, e logo tomou o juramento da Conceição e recebeu o grau do Padrinho *Autoritate Apostolica* de que foram testemunhas o Dr. Manoel Braz Anjo e o Dr. Francisco Coelho. — Manoel Mendes de Sousa Trovão o escrevi. Dr. Tavares, P.º — Dr. Borges.

2.º

Formatura do Padre Bartholomeu Lourenço, de Santos, no Brazil.

Aos 17 de Maio de 1720, sendo Padrinho o Dr. Francisco Coelho da Silva, e lendo a sua lição de ponto que lhe foi assignada lhe argumentaram os 4 D. D. seus Mestres na forma dos Estatutos e findos os argumentos se votou sobre a penitencia por A. A. e R. R. e regulados os votos não sahio penitenciado, mas por todos approvado *Nemine Discrepante* de que fiz este termo. Manoel Mendes de Sousa Trovão o escrevi.

3.º

Sufficiencia do Padre Bartholomeu Lourenço, de Santos, no Brazil.

Aos 19 de Maio de 1720 estando presente o Ill.º Sr. Reitor e o Dr. Manoel Borges de Sequeira, Padrinho neste acto e lendo sua lição de ponto que lhe foi assignada, lhe argumentaram os D. D. seus Mestres na forma dos Estatutos, do que fiz este termo. Manoel Mendes de Sousa Trovão o escrevi.

4.º

Approvação do Padre Bartholomeu Lourenço, de Santos, no Brazil.

Aos 21 de Maio de 1720, estando presente o Ill.º Sr. Reitor e o Dr. Francisco de Almeida Cayado, lendo sua lição que lhe foi assignada, em que lhe argumentaram os D. D. seus Mestres e votando por A. A. e R. R. foi por todos approvado *Nemine Discrepante*. Manoel Mendes de Sousa Trovão o escrevi. — Reitor — Dr. Cayado, P.

5.º

Repetição em canones do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, de Santos, no Brazil.

Aos 23 de Maio de 1720, sendo Padrinho o Dr. Manoel Borges de Sequeira, e lendo sua lição que requer este acto de Repetição lhe argumentaram os D. D. seus Mestres e defendeu as suas Conclusões na forma que expõem os estatutos de que fiz este Termo. Manoel Mendes de Sousa Trovão, secretario da Universidade o escrevi. —

6.º

Exame Privado do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, de Santos, no Brazil.

Aos 25 de Maio de 1720, na Capella Real da Universidade se juntaram o Reverendo Padre Vice-Cancelario da Universidade e o Dr. Manoel Borges de Sequeira, Padrinho n'este acto e os mais D. D. e ouvida a missa do grau, vieram com o defendente o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão para a Casa dos Exames Privados, onde leu sua primeira e segunda lição de ponto que lhe foram assignadas e acabadas lhe argumentaram os 4 D. D. seus Mestres, na forma dos Estatutos e findos os argumentos sahio fora o defendente e feitas as mais cerimoniaes se votou sobre a penitencia por A. A. e R. R. e regulados os votos não sahio penitenciado, mas por todos approvado — *Nemine Discrepante* de que fiz este termo. Manoel Mendes de Sousa Trovão o escrevi. — D. Feliciano de S. Jeronymo, vice-cancelario, — Dr. Tavares P.º — E logo no mesmo dia, mez e anno na Capella Real da Universidade tomou o juramento da Conceição o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão e lhe deu o grau de Licenciado o Reverendo Padre Vice-Cancelario da Universidade *Autoritate Apostolica* e lhe deu faculdade para tomar o grau de Doutor todas as vezes que quizesse, de que foram testemunhas o Doutor João de Araujo Ferreira, e Doutor Manoel Braz Anjo. — Manoel Mendes de Sousa Trovão o escrevi. — Trovão.

7.º

Doutoramento do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, de Santos, no Brazil.

Aos 16 de junho de 1720.

O secretario Trovão começando este termo, esqueceu-se de o concluir, o que succede em outros no cartorio da Universidade, mas felizmente, tendo inscripto a sua data, deu-nos ao menos o dia em que Bartholomeu Lourenço de Gusmão, concluidas todas as minuciosas provas, que os antigos estatutos prescreviam, foi finalmente recebido Doutor na faculdade de canones, na Universidade de Coimbra, o que não lhe augmentava o seu saber, já muito provado, é certo, mas habilitava-o a poder exercer varios cargos, a que, sem os graus universitarios, não poderia rasoavelmente ascender.

(Continúa)

Brito Rebello.

LENDA DO CARRASQUINHO

Desde então, Carrasquinho entrou a ser o *grande homem* da aldeia de Sant'Anna. D'elle se dizia com ar finorio:

— Aquillo tem o diabo n'alma!

Nunca se chegou a averiguar se tinha effectivamente, o diabo n'alma; mas um domingo, já pelas ciras, padre Manuel apregoou-o á missa, com uma de Portel, a Rosa, então servindo na herdade da Balsa. Carrasquinho, que fizera os vinte e cinco, era pequenino de corpo, muito pequeno mesmo; tão pequeno, que estando ao sol n'um olho de couve, veiu uma vacca e metteu-os a ambos no bucho. Primeiro que o tirassem da vacca foi um trabalho medonho, e todas as raparigas da aldeia tinham vindo offerecer-se, para o lavar dos enxovalhos da viagem. Anno após anno, elle se fóra tornando homem pela barba, e pelo vozeirão que lhe saía ronronando — mas cada vez mais pequeno, o Carrasquinho! Uma tarde, estava o amo na sala recebendo uns magnates, Carrasquinho que entra. Em tão má hora se aproxima d'um chapeu de pello deixado n'uma cadeira, que ao ir debruçar-se a fazer *oh!* pelo chapeu dentro, zás! foi-lhe de cabeça ao fundo da copa — e agora vereis quem m'o tira de lá! Mas lá isso, bom rapaz, possante, activo, fura-vidas e loquaz como poucos maltezes de Sant'Anna. Nas herdades estimavam-no, porque nas festas, palavra, em elle se pondo a dançar o fandango, escangalhava-se tudo com festa. Cheio d'instinctos pictorescos, jámais elle quizera despir os trajos de cabreiro que vira no avô e no pae: calção de terciopello azul-mar, chapeu bragão de tres borlas, polainas de coiro cru, e uns grandes ceifões de pelle de borrego... E por arma, cajado maior que um tronco de castanheiro! Caçador não havia com aquelle, posto que a tal queda no chapeu de pello o tornasse desconfiado, já pelo tarde. E não querem ver? O grão de milho soffria a paixão das mulheres encorpadas, naturalmente na esperanza de por ellas, vir a ter filhos visiveis a olho nu. A Rosa, vamos com Deus! era um cavallão da mais desmedida estatura. A mãe trouxera-a vinte e sete mezes no ventre, e tinha-a parido durante seis dias, conforme a versão mais seguida. Mas bem empregada demora, que estava ali moça de carnes abençadas, ella espantadiça que nem uma novilha de má raça: e os olhos, pae do céu! cortavam n'uma pessoa até ao coração. D'esta vez, o maganão promettia segurar-se, escaldado como fóra na historia do chapeu.

Nunca mais tomou sol em olhos de couve. Entrou a poupar o cadaver; podera não! Se as vacas saham ao repasto por essas sesmarias afóra furtava-lhes as voltas — quanto a chapeus de pello, fugia d'elles, como das mais profundas cisternas. Para dar caça aos ninhos de perdizes, cortava os descampados ás escarranchas na burra.

— Oh grande diabo! diziam-lhe, pois tu não vês que assim afugentas os perdigotos? E elle com profunda filaucia:

— Alarves! Mais veem quatro olhos que dois. E sobre o deserto dorso da jumenta, nem fazia sombra no chão.

A ceara d'esse anno não envergonhava a terra que a produzira. Ia haver azeitona como agua de pedra. A burra mesmo, pariu seu burrico todo jocundo. Nada pois, se oppunha ao cazamento. E cazaram. Sant'Anna ainda não poude esquecer a boda. Na aldeia, vae-se a gente cazaz com um capote de panno ás costas, quer façam ceus de fogo, quer grunise a chuva de janeiro. Carrasquinho não tinha capa; vá de pedil-a emprestada por essas cazas! Mas patarreco como era, que diabo de capa lhe dariam, que não arrastasse polas ladeiras da aldeia, no trajecto para o matrimonio? Agora vereis as feses! Que *um homem* não caze por falta

(1) Vid. estampa, pag. 261 do vol. vi do *Occidente*.

(2) Veja-se a estampa de pag. 204.

(3) *Monarchia Lusitana*. — Liv. xv, cap. xxx.(4) *Historia Genealogica*. — Tom. 1, pag. 119.

de noiva... Mas por falta de capa, era vergonha! Ninguém tinha traste ao sabor do Carrasquinho. E o grão de milho exasperado, tudo era dizer com profusão de gestos sacudidos:

— Qual é o diabo ruim que não tem duas capas, uma maior, outra mais pequena? Elle nem a pequena tinha; razão da sua intolerância sobre o guarda-roupa dos mais.

Possuía o cura uma d'estas rochuchudas pequenitas que elles recolhem sempre por caridade, e installam na residência com o pseudonymo d'affilhadas. Muito amiga de bonecas, a osgasinha! — e o cura então, mandava-lhe fazer pela ama umas madamas de trapo, com saias butantes, grilhões de canotilho ao pescoço, lenços de seda na cabeça...

— Algumas tão aceadas, dizia a Roza, que se podiam trazer em procissão por essas ruas, depois de bentas. — Pois a maior tinha capa. Isto salvou Carrasquinho, que ponde levar á igreja, sobre os hombros, a capa da boneca. Ui, que cazorio mais guapo! Agora vereis carneiros esfolados para o ensoradado, gallinhas em alguidares d'arroz ao forno, e uma cabidella, senhores, que até na Balsa acharam superflua! Ao banquete, o noivo ficou junto da noiva, sobre um cesto de verga das vindimas, afim de poder chegar co'a bocca á meza. E o pobre, para mirar a Roza, tinha d'erguer a vista, penosamente, penosamente... Mas tanto saltou, buliu, mecheu, que d'alli a nada já ninguém sabia por onde elle se sumira — quando o seu vozeirão rompeu da algebeira da madrinha, dizendo estar atravessado n'um alfinete, á solta por imprudencia.

Do casamento, não digo. Bailarico até de madrugada, picheis de vinho á sociedade; e já no fim, saracoteando os quadris com donaires castelhanos, eis que o Carrasquinho começa a dançar o fandango, ao don-don d'uma guitarra, que o menageiro das Torres trouxera da herdade.

Na primeira noite de casamento, Carrasquinho arreou-se: lembrava-lhe o chapéu de pello do amo! E tal pensamento, o trouxe desaconchegado, por mais duas noites ou tres. O grão de milho penava, vendo a Roza na cama alta dos noivos, enquanto elle ia tiritando n'uma velha manta, fazer companhia á jumenta na estrebaria. Mas todos os meios-dias, vinha á soleira o menageiro das Torres.

— Entre e descanse, compadre — entrava elle, e Sant'Anna logo com tosse! Elles descançados, punham-se a fallar do mundo. Diz que as mulheres teem uma folha de vinha mesmo no tempo das vinhas não terem folhas. O das Torres nem dizia sim, nem não. Andava uma contigo:

o/ brincadeira, sim, sim
o/ brincadeira, não, não...

que ella lhe cantava rolando uns olhos brejeiros. Carrasquinho no trabalho, nunca vinha áquella hora. E quando pela noite, entrava d'entrada ás costas, alforge na burra, farto de cavar, batendo as suas botas de sete leguas, dizia-lhe a magana com uns geitos assucarados:

— Esteve cá o Jacinthinho, que vinha fallar contigo.

Mas o pobre abria a bocca, massado. E Jacinthinho todos os dias!... Foi por esse tempo, faz annos agora, que o grão de milho adoeceu. Entrou a queixar-se de peso na cabeça, uns ais!...

Em termos, que a Roza já não sabia que fazer, para o curar.

Ah! mas que coragem de moçoila!

Ao fim de seis mezes, tudo por agradar ao doente, a destemida entra a berrar, e atira ao mundo um rapagão como um toiro.

— Sae ao pae! dizia Carrasquinho, e Sant'Anna ria.

Carrasquinho era gazil como os melros, pictoresco de silhouette, muito amigo de dar ordem á vida. E soberbo! Nunca admirava homens copulentos, mas tinha dó de quem era mais pequeno que elle, os gafanhotos, as formigas, os frangãos. O seu fraco era a mulher. O seu forte, dormir a noite d'um somno de chumbo, que pela manhã, mal o buraco luzia, a Roza tinha trabalho insano em sacudir.

— Quatro horas, ergue-te preguiçoso! gritava-lhe ella umas poucas de vezes, em cada madrugada. Elle esfregava os olhos, resmungava o quer que fosse, e ia-se virando para a banda da parede.

Ao fim de muitas investidas, lá puchava as cuecas rosando, cabeceando, para as enfiar nos dedos da Roza, tomando-os pelas proprias pernas.

— Oh excommungado da minha vida! gritava ella fóra de si.

Ouviam-se os gallos cantar nos agazalhos: a geada cobria as terras: e na lama dos correjos, entre courellas e tapadas, iam patinando os cavadores, caminho das fazendas.

o/ brincadeira, sim, sim
o/ brincadeira, não, não...

Matinas! Já o vento varre as ultimas nevoas, e nos curraes bolem chocinhos confusamente. Toca por esses campos, ao vento, ao frio, á chuva. Começam laivos de sol nos butareus da igreja, que lá longe, vão amarellecer a calça de Monte-Oito, sobre o outeiro escalvado. Quem tem caprichos, que os pague! Assim arengava Sant'Anna. Porque a Roza, hoje queria blusa encarnada, amanhã saia de folho, depois mais aquelle lenço de seda com ramos de rosas...

Porem o casal não possuía um palmo de saibro onde enterrar os ossos. Jacinthinho, que se installára dia e noite, pedia mesmo a sua chavena de café bem forte. Carrasquinho, cava! Inda não decorra anno e meio sobre o casamento, e já grão de milho levava tundas da Roza. — Seu grande mariola! Seu madraceirão! Pelo tempo quente, abalava ella em cima da jumenta, para as romarias, toda endomingada no trajo, e com Jacinthinho á garupa. Não ha dinheiro? Trabalha Carrasquinho! O pobre nunca fóra senhor d'um fato novo, trazia os sapatos rotos, rasgada a camizola, e o chapeirão com as abas pendentes. Vestia-se da sua enorme barba, levava data, mas cara alegre!

Havia em casa bom queijo, rico queijo de cabras da Balsa, oleoso, doirado, com um sabor de prados verdejantes, aguas de serra, e rebanhos. Ella almoçava-o com o das Torres, ao canto da chaminé, ali quentinhos ambos, aconchegados, trocando chabças. Mas Carrasquinho farto de cavar, só encontrava dentro do alforge, pão secco, negro, duro, holorento, que nem os cães entravam com elle. Chora no berço o rapaz? Pancada! A noite, quando o marido vinha, arrastando das pernas, cheio de somno, coberto de lama, Jacinthinho por troça, tirava a guitarra de lado:

— Vá fandango! fandango!

E o triste, ainda por cima escarnecido, lá ia bailar no meio da casa, entre as risadas da companhia. E a Roza cada vez mais gorda, e o das Torres cada vez mais guapo. Cava, Carrasquinho!

(Continua)

Fialho d'Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

FRANÇA E CHINA. Diz-se que a influencia franceza fez abortar a missão do duque de Mecklembourg no Japão. Esta potencia parece estar disposta a prestar o seu appoio á França em caso de guerra contra a China. O general Li-Hung-Chang foi nomeado vice-rei de Cantão com plenos poderes militares.

O almirante Courbet apoderou-se de Soutay, depois da muita resistencia da guarnição que abandonou a praça; esta guarnição era composta principalmente de pavilhões negros, de annamitas e de chinezes. Por este motivo diz-se que a França não está disposta a aceitar mediação de potencia alguma, e só depois de tomar Bach-nich, libertando o delta do rio vermelho dos inimigos consentirá em tratar da paz. No entanto as communicções do marquez de Tseng em Paris, ao governo, continuam a ser de natureza pacifica.

THEATROS INCENDIADOS. Em menos de um mez tem sido pasto das chammas, dois importantes theatros em New-York, o ultimo, no meado de dezembro foi o Standard-theatre, não havendo, felizmente, victimas a lamentar.

ESTATUA. A Inglaterra não se esquece de pagar á memoria dos seus homens notaveis o devido preito, por isso todos a servem com dedicacão levada ao extremo. Ainda ha pouco mais de um anno falleceu lord Beacousfield (D'Israeli) e já uma estatua foi levantada á sua memoria em Liverpool, sua terra natal, em Santo Georges-hall.

COINCIDENCIAS. No dia em que o sr. de Bismarck assegurava ao embaixador francez, barão de Courcel que as relações entre a Alemanha e a França eram as mais cordeas, dizia o antigo presidente da confederacão suissa, sr. Buchonnet, em um banquete militar, que elle julgava que a primavera proxima se não passaria sem uma guerra europeia, pelo que o exercito suiso deve estar preparado para defender a neutralidade do territorio da patria.

Applaudimos as pequenas nações que tem tão vivo o sentimento patriotico, mas quanto á guerra europea, já a ouvimos prophetisar ha mais de vinte annos e a Senhora da Paç sempre nos tem

salvado d'ella. A verdade, porém, é que o seguro morreu de velho.

CONGO. O general Goldsmith, cujo mysterio da sua ida ao Congo, ainda não está sufficientemente esclarecido, parece que levava plenos poderes, não sabemos de quem. Em Vivi obrigou o chefe de uma estacão, Duverge, a demittir-se por causa da sua desintelligencia com os indigenas. Diz-se que elle referiu que em Bona (ou Boma?) se tinha levantado uma grande questão entre os representantes de Stanley e os indigenas de que resultou uma rixa muito sangrenta. O general, porém, atacado pela febre teve que suspender a sua viagem em Isanghila, onde começa verdadeiramente o dominio de Stanley, com o qual não se ponde avistar, regressando, não sabemos, com que impressões da sua missão. O mais curioso é não se saber se elle foi ao Congo por ordem da Inglaterra, se pela da Internacional africana, se esta é uma testa de ferro d'aquella, se o rei Leopoldo se presta a ser instrumento da ambicão britannica, vendo-se, porém, claramente, que o general levava poderes discrecionarios. Agora o mais engraçado é que tudo se faz sem se participar para Portugal, que ha perto de 400 annos descobriu aquelle paiz e sobre elle tem exercido jurisdicão, e com quem pende uma miseravel, mas longa questão diplomatica a respeito d'aquellas localidades. Em quanto Portugal, mantendo-se em prudente reserva, evita toda a accção que póde no Congo, a Inglaterra vae exercendo alli a sua, como um paiz conquistado. Quando o Congo estiver cheio de missões, de estacões inglezas, de casas inglezas, de chefes inglezes etc que se seguirá? Naturalmente a theoria dos factos consumados, para honra e gloria da nossa justissima e fiel alliada.

EGYPTO. Toma corpo o boato da abdicacão do Khediva. Diz-se que um conselho do gabinete se declarou favoravel á intervençãõ turca.

ESTATUAS. Está aberta uma subscriçãõ em França para uma estatua que se vae levantar ao poeta Sedaine, auctor dos libretos do Deserto, do Ricardo coração de Leão, Rainha de Galcan-da, Guilherme Tell etc. e das comedias A Apostia imprevisita, O philosopho sem o saber, que se conservam no repertorio da Comedie Française. A outra estatua representará o mais poderoso romancista d'este seculo, Balzac. Foi Emmanuel Gonzales quem tomou a iniciativa de abrir uma subscriçãõ para levantar o monumento á memoria do grande escriptor.

Escusa dizer-se que não tardará muito que estas duas dividas sagradas estejam pagas.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A MODA publicação tri-mensual illustrada com figurinos, etc. da Chapelaria de Costa Braga & Filhos, Porto. Para demonstrar a importancia d'esta fabrica basta ver a primorosa publicação que os srs. Costa Braga & Filhos offerecem aos consumidores da sua casa. A Moda é illustrada com figurinos dos chapéos fabricados no estabelecimento dos srs. Costa Braga & Filhos, o que prova o grande desenvolvimento d'esta industria umas das que mais floresce no nosso paiz.

O PANORAMA CONTEMPORANEO director Trindade Coelho, Coimbra. O primeiro fasciculo que temos presente, publica uma phototypia de Coimbra e no seu programma promete continuar a publicar phototypias de vistas pittorescas e monumentos.

A FORMOSURA DA ALMA por Henrique Peres Escrich, Joaquim Antunes Leitão editor, Porto.

III e IV volumes illustrados d'este bello romance a que já nos referimos com louvor. O V e ultimo volume d'este romance está no prelo e sae brevemente.

JORNAL DE HORTICULTURA PRATICA, Director Duarte de Oliveira Junior, proprietario José Marques Loureiro, Porto. Com o n.º 12.º, de dezembro ultimo, concluiu este bello periodico o seu decimo quarto anno ou volume.

A VIDA DAS FLORES, fasciculos 17 e 18 com dois lindos cromos «Cardo» e «Dormideira». É uma publicação muito elegante da casa editora David Corazzi.

EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA Á SERRA DA ESTRELLA EM 1881. Secção de botanica. Relatório do sr. Julio Augusto Henriques. Lisboa. Imprensa nacional. 1883. folio de 133 folhas, com duas cartas lithographadas. Em 1881 per iniciativa da Sociedade de Geographia de Lisboa, organisou-se com todo o aparato proprio, uma expedição para ir fazer um reconhecimento scientifico á região principal

da Serra da Estrella, a mais notavel do paiz. Consta essa expedição de numeroso pessoal, dividido em diversas secções, taes como: *Agronomia e sylvicultura; Anthropologia; Archeologia; Botanica; Chymica; Ethnographia; Geologia; Hydrographia*; com uma sub-secção de levantamentos e sondagens nas lagoas; *Medicina*, com duas sub-secções, uma de *hydrologia mineral-medical* e outra de *ophthalmologia; Meteorologia; Photographia; Zoologia; Zootomia*; com as secções auxiliares, uma de *topographia* composta de tres engenheiros e onze conductores de trabalho, incumbidos officialmente pelo governo de fazer o levantamento topographico e construir os abarracamentos; outra de *acampamento, administrativa da expedição*, outra especial da *cidade da Guarda*, afóra um pessoal auxiliar composto de empregados de observatorios, de museus, de laboratorios em numero de 5, afóra trabalhadores, carpinteiros, pedreiros, guias, pescadores, caçadores, correios, cosinheiros, e de uma escolta de 1 cabo e 6 soldados de infantaria n.º 12. Esta expedição scientifica realisou-se no mez de agosto do referido anno e n'ella se reuniram individualidades muito importantes nos diversos ramos de que ella devia occupar-se. Passado algum tempo diziam algumas folhas periodicas que se estavam activando os diversos relatorios e que nos primeiros mezes de 1882 estariam todos em publicação, salvo um ou outro, e parece-nos que o de Botanica era um dos mencionados, que por certas difficuldades só poderiam apparecer mais tarde. Infelizmente a publicação demorou-se mais que isso, e nos primeiros que apparecem entra o relativo á parte botanica. O sr. Julio Henriques não se limitou a descrever as plantas colligidas pela expedição, que, segundo a sua declaração, seria objecto de pouca importancia e vulto, mas fez o resumo historico das explorações botanicas feitas na serra por diversos naturalistas naturaes e estrangeiros, e de todas as especies observadas e descriptas fez indice, o que é um serviço mais prestado e importante como o illustre naturalista sensatamente considera. É pena que tão valioso e notavel trabalho não seja acompanhado dos nomes vulgares das plantas e da representação por qualquer processo photographico das plantas descriptas, como vimos no trabalho do dr. Oswald Heer, e como temos em outras monographias estrangeiras de apreçado valor. Parece-nos que uma expedição empreendida em taes condições devia dar aos seus trabalhos o maior grau de perfeição.— *Secção de Meteorologia*. É outro fasciculo da importante colle-



ESTATUA DE LUTHERO, INAUGURADA EM EISLEBEN AOS 10 DE NOVEMBRO DE 1883

ção dos trabalhos d'esta expedição, cujo relatorio é elaborado pelo sr. Augusto Carlos da Silva, que comprehende 77 paginas, nas quaes se incluem varios mappas, e acompanhado de dez estampas e representações graphicas da temperatura, etc. Liga-se a esta parte do trabalho da commissão a maior importancia pela esperança alimentada de que pelo estudo da meteorologia d'aquelle paiz, a medicina possa colher n'elle os mais auspiciosos resultados para as applicações therapeuticas. Effectivamente, segundo consta, já se tem tirado algum proveito d'aquelle clima, julgado durante muito tempo, não só inhospito, mas até povoado de lendas, mysterios e terrores. Esperamos anciosos a rapida publicação dos restantes relatorios, que devem formar um corpo de observações

largamente instructivas e importantes.

O *MARTYR DO GOLGOTHA* por Henrique Peres Escrich, traducção de J. Cruzeiro Seixas, Joaquim Antunes Leitão editor, Porto. É a quinta edição d'esta obra que acaba de ser publicada, no que está a sua maior recommendação, porque mostra bem a grande popularidade que alcançou em Portugal.

O *Martyr do Golgotha* consta de tres volumes de 300 paginas cada um e é illustrado com bonitas gravuras.

CATALOGO ILLUSTRADO publicado por Alberto de Oliveira. É um elegante livrinho, primorosamente impresso, illustrado com vinte e oito desenhos originaes dos quadros que se vêem na terceira exposição de quadros modernos, realisada nas salas do *Commercio de Portugal*, na Rua de S. Francisco. Este catalogo é devido ao incansavel zelo com que o sr. Alberto de Oliveira tem acompanhado o progressivo desenvolvimento d'esta exposição, que é hoje a manifestação mais brilhante do nosso pequeno mundo d'arte. Esta exposição formada pelos trabalhos de Silva Porto, Malhóa, J. Vaz, Vieira, Christino, Gyrão, Martins, Pinto, Columbano e Figueiredo, tem sido uma revelação e tem despertado o publico da sua indiferença habitual, porque todos os artistas tem feito esforços para bem corresponderem ao bello acolhimento que lhe tem sido feito.

D'aqui enviamos os parabens aos talentosos artistas e ao sr. Alberto de Oliveira pelo seu bello catalogo.

HOMENAGEM A JOSÉ DO PATROCINIO redactor-chefe e proprietario da «Gazeta da Tarde» em 8 de outubro de 1883. É este o titulo de um folheto publicado pelo Club dos Libertos contra a Escravidão, do Rio de Janeiro, a proposito da libertação de quarenta escravos. O sr. José do Patrocínio é um dos mais ardentis defensores da emancipação dos escravos.

ALMANACH DA BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA, para 1884, editores Alvarim Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, Porto. É o segundo anno de publicação d'este almanach, que além das tabellas do costume, tem uma parte litteraria muito escolhida.

UNIVERSO ILLUSTRADO. Este semanario tem sido publicado com toda a regularidade. O ultimo numero saído e que temos presente é o 27 correspondente ao tomo I da 2.ª série.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO

OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para encadernação do 6.º volume a concluir.

Tambem ha capas para os volumes 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empresa encarrega-se de fazer encadernações n'estas capas por 1200 réis, incluindo a capa.

PREÇO DA ASSIGNATURA D'ESTE PERIODICO

PARA 1884

MOEDA FORTE, FRANCO DE PORTE:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS

Anno ou 36 numeros	32800
Semestre ou 18 numeros	17000
Trimestre ou 9 numeros	9500

POSSESSÕES ULTRAMARINAS

Anno ou 36 numeros	42000
Semestre ou 18 numeros	22000

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 36 numeros	52000
Semestre ou 18 numeros	27500

PREÇO DOS VOLUMES

1.º 2.º e 3.º VOLUMES

Cada um encadernado	42000
» » brochado	32000

4.º, 5.º e 6.º VOLUMES

Cada um encadernado	52000
» » brochado	42000

Para o estrangeiro, pelo correio, acresce 12000 réis por cada volume

As pessoas que quiserem adquirir a collecção completa do OCCIDENTE o poderão fazer do modo que mais lhe convier, ou seja por volumes ou por series de numeros seguidos pelos seguintes preços: Series de 12 numeros relativos aos 1.º, 2.º e 3.º volumes 12500 réis. Series de 6 numeros 750 réis. Series de 18 numeros relativos aos 4.º, 5.º e 6.º volumes 22000 réis. Series de 9 numeros 12000 réis.